

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819121	
CAPÍTULO 2	14
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819122	
CAPÍTULO 3	25
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819123	
CAPÍTULO 4	40
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819124	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819125	
CAPÍTULO 6	66
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819127	
CAPÍTULO 7	73
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819128	

CAPÍTULO 8	81
ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE	
<i>Gleíza Guerra de Assis Braga</i> <i>Antonio Nilson Gomes Moreira</i> <i>Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819129	
CAPÍTULO 9	94
BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA	
<i>Erica de Oliveira Gonçalves</i> <i>Marinês Verônica Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191210	
CAPÍTULO 10	104
COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO	
<i>Thais Stefani Donato Lima</i> <i>Kênia Kemp</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191211	
CAPÍTULO 11.....	121
CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO	
<i>Irani Campos Marchiori</i> <i>Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191212	
CAPÍTULO 12.....	131
CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	
<i>Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira</i> <i>Fabiana Meireles de Oliveira</i> <i>Fatima Ramalho Lefone</i> <i>José Aluísio Vieira</i> <i>Mirian Nere</i> <i>Rodrigo Leite da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191213	
CAPÍTULO 13.....	135
DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM	
<i>Germana Ponce de Leon Ramírez</i> <i>Ariana Dias Machado Tavares Alves</i> <i>Suellen Contri Mazzo</i> <i>Vanessa Pires Rocha Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191214	
CAPÍTULO 14.....	145
ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL	
<i>Veruska Ribeiro Machado</i> <i>Rosa Amélia Pereira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191215	

CAPÍTULO 15	163
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191216	
CAPÍTULO 16	175
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191217	
CAPÍTULO 17	183
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191218	
CAPÍTULO 18	198
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191219	
CAPÍTULO 19	213
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191220	
CAPÍTULO 20	222
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191221	
CAPÍTULO 21	233
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191222	
CAPÍTULO 22	240
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191223	

CAPÍTULO 23	249
O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Silva Perussi Vasconcellos</i> <i>Rosimeire Maria Orlando</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191224	
CAPÍTULO 24	259
PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO	
<i>Ana Claudia Tenor</i> <i>Débora Deliberato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191225	
CAPÍTULO 25	273
PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
<i>Wellington Alves Piza</i> <i>Camila Maria De Souza Silva</i> <i>Rafaela Franco Dias Bruzadelli</i> <i>Leticia Marques Ruzzi</i> <i>Gabriella Ramos de Menezes Flores</i> <i>Poliana de Faria Cardoso</i> <i>Talita Amparo Tranches Candido</i> <i>Caroline de Souza Almeida</i> <i>Ingridy Simone Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191226	
CAPÍTULO 26	277
PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS	
<i>Giselly dos Santos Peregrino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191227	
CAPÍTULO 27	286
PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC	
<i>Ana Júlia Rosa</i> <i>Lisiane Tuon</i> <i>Angela Cristina Di Palma Back</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191228	
CAPÍTULO 28	295
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR	
<i>Juliana Gisele da Silva Nalle</i> <i>Claudionei Nalle Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191229	
CAPÍTULO 29	303
SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Paulo Ivo Silva de Medeiros</i> <i>Maria Luisa Quinino de Medeiros</i> <i>Leandro dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191230	

CAPÍTULO 30	314
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191231	
CAPÍTULO 31	321
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191232	
CAPÍTULO 32	328
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191233	
CAPÍTULO 33	338
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁTICA DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191234	
CAPÍTULO 34	348
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191235	
CAPÍTULO 35	357
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191236	
SOBRE A ORGANIZADORA	364

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

Germana Ponce de Leon Ramírez

UNASP, Mestrado Profissional em Educação
Engenheiro Coelho, São Paulo

Ariana Dias Machado Tavares Alves

UNASP, Curso de Pedagogia
Engenheiro Coelho, São Paulo

Suellen Contri Mazzo

UNASP, Curso de Pedagogia
Engenheiro Coelho, São Paulo

Vanessa Pires Rocha Barbosa

UNASP, Curso de Pedagogia
Engenheiro Coelho, São Paulo

como oportunidades de aprendizagens e de desenvolvimento para a mesma. Entende a necessidade de conhecer as peculiaridades das comunidades ribeirinhas ou tradicionais para que seja construída, socialmente, uma imagem mais próxima da realidade. E mais que isso, é importante que o professor na sala de aula não reproduza os estereótipos ou perpetue a invisibilidade dessas comunidades que retratam a diversidade étnica que compõe a formação do povo no território brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade étnica; Comunidade Ribeirinha; Valorização da cultura local.

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o contexto sócio cultural e educativo da comunidade ribeirinha Rosa de Saron com o intuito de conhecer para valorizar a cultura local. Metodologicamente este trabalho é qualitativo e exploratório. A diversidade étnica é vista no território brasileiro e isso se dá por um contexto histórico que agrega diferentes línguas, tradições, entre outros componentes que são interpretados como diversidade de culturas ou multiculturalismo. Percebe-se que as comunidades ribeirinhas são representatividades da diversidade étnica no território brasileiro. E que as vivências, a relação dos moradores com os recursos da natureza, os usufrutos desses recursos são entendidos

ABSTRACT: This work aims to analyze the socio - cultural and educational context of the riverside community of Rosa de Saron with the purpose of knowing to value the local culture. Methodologically, this work is qualitative and exploratory. Ethnic diversity is seen in the Brazilian territory and this is due to a historical context that adds different languages, traditions, among other components that are interpreted as cultural diversity or multiculturalism. It is perceived that the riverside communities are representations of the ethnic diversity in the Brazilian territory. And that the experiences, the relation of the inhabitants with the resources of nature, the usufruct of these resources are understood as opportunities of learning and

development for the same. It understands the need to know the peculiarities of the riverside or traditional communities so that a social image is built closer to reality. And more than that, it is important that the teacher in the classroom does not reproduce the stereotypes or perpetuate the invisibility of those communities that portray the ethnic diversity that makes up the formation of the Brazilian people and territory.

KEYWORDS: Ethnic diversity; Ribeirinha Community; Local Culture.

1 | INTRODUÇÃO

O etnocentrismo remete ao pensamento das diferenças biológicas ao oportunizar um universo de representações apresentando-o como referência, e os demais universos e culturas, que não se enquadram a esta, são considerados inferiores, ditos ‘diferentes’ (CARVALHO, 1997). De acordo com Everaldo (1988, p.05) etnocentrismo é visto como “[...] uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. Se uma sociedade julga sua maneira de ser e proceder correta, identifica as outras que não fazem parte desse modelo como erradas. Dessa forma, o etnocentrismo avalia comparando os povos e culturas pelos padrões inseridos numa sociedade específica, que serve para averiguar até que ponto são corretos e humanos os costumes de outrem (MENESES, 2000).

Entretanto, o antídoto do etnocentrismo se deu pela teoria geral da relatividade das culturas a qual modificou a visão sobre a sociedade (MENESES, 2000). O maior valor considerado pela teoria, conforme Renato Ortiz, foi o de inserir a sensibilidade pelo diverso (GIANNOTTI, 2016). Após a concepção do relativismo cultural, algumas consequências e repercussões podem ser observadas, como: respeito sincero pela cultura de outros povos; cada traço cultural precisa ser estudado não tendo por referência o observador, mas sim, dentro de seu próprio contexto cultural; rejeição de mudar os costumes peculiares de um determinado povo, pois não faz sentido ensinar um povo a ‘ser gente’ é preciso aprender com ele (MENESES, 2000).

Ao buscar alguns caminhos para se pensar no Brasil e suas muitas imagens ou faces, Manuela Carneiro (1998, p.80) afirma que “[...] ainda são as diferenças o que move as sociedades desse planeta”. Tarcila do Amaral corrobora com este pensamento em sua obra, ‘Os operários’, quando retrata a diversidade étnico cultural e social, indicando as diferentes formas de ser, estar e se pensar como parte do contexto real brasileiro.

Ao observar o território brasileiro, encontra-se presente a Amazônia com a sua rica diversidade de grupos étnicos e comunidades tradicionais. Diante da percepção cultural manifestada pelas comunidades ribeirinhas este trabalho tem por objetivo analisar o contexto sócio cultural e educativo da comunidade ribeirinha Rosa de Saron com o intuito de conhecer para valorizar a cultura local. É importante dizer que este

trabalho foi apresentado na II jornada ibero-americana de pesquisas em políticas educacionais e experiências interdisciplinares na educação.

Apesar de ter se passado centenas de anos da presença europeia no território brasileiro, ainda se percebem atitudes com características colonizadoras, preconceituosas e discriminatórias. A diversidade é um atributo marcante na composição histórico social do Brasil. A cultura brasileira possui múltiplos aspectos e é estudada no intuito de buscar uma identificação, interpretação e entendimento dessa diversidade cultural. Porém nem todos concedem a esta diversidade a devida importância e não consideram sua enorme riqueza, pois ainda existe o enaltecimento a uma determinada cultura em detrimento de outras (COLARES; COLARES, 2011).

2 | METODOLOGIA

Este trabalho é qualitativo e exploratório, tendo como área de estudo uma comunidade ribeirinha denominada de Rosa de Saron, localizada no estado do Amazonas, especificamente no município de Caapiranga, AM. O critério de escolha desse local foi aleatório. A vigente pesquisa utiliza a abordagem de cunho qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994), o estudo qualitativo tem por objetivo uma investigação da realidade de maneira mais profunda, já que a retrata de forma detalhada, cada acontecimento no campo de investigação torna-se relevante. Esta abordagem tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; a preocupação com o processo é maior do que o produto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para a compreensão do multiculturalismo na formação do povo brasileiro tem-se como base um levantamento bibliográfico no campo de conhecimento da história e antropologia. Os procedimentos metodológicos adotados para coleta de dados primários foram observação *in locu* e entrevista semiestruturada. Isso se deu com base em trabalho de campo na comunidade ribeirinha em um período de nove dias, sendo do dia 22 ao 30 de janeiro de 2017. A observação realizada teve o intuito de entender o cotidiano da referida comunidade no interior do Amazonas, com foco maior na criança e sua relação com o brincar; com a família; com o rio, com os saberes locais.

3 | ASPECTOS DO PLURALISMO CULTURAL NA COMUNIDADE ROSA DE SARON

Como componente da diversidade, ressalta-se o reconhecimento das diversas etnias e grupos migrantes no país, como diversidade etnocultural. O termo Pluralismo Cultural analiticamente é relativo às comunidades e/ou grupos diversos que compartilham um espaço comum. As comunidades de uma forma geral se diferenciam por religiões, línguas, tradições, entre outros componentes que são interpretados como diversidade de culturas ou multiculturalismo. A pluralidade é composta de

características interpretadas como étnicas e culturais e que eventualmente, em dado contexto causam desigualdades socioeconômicas, destacando que a diversidade implica uma livre expressão de suas culturas (BRASIL, 1997).

Em acordo com Colares e Colares (2011), o multiculturalismo partiu dos conflitos e trocas entre os grupos ditos como “à margem da sociedade”. Parte de um esforço para lutar contra preconceitos provocados pela visão etnocêntrica, revelando a existência da diversidade, buscando proporcionar a devida visibilidade a esses grupos, não se tratando apenas de tolerância, respeito ou entender a cultura do outro, mas de reconhecer como iguais na sociedade e de exercer o direito de viver sua própria cultura. Dessa maneira, (Brasil (1997) assevera que o ensino da cultura em sua pluralidade deve atuar em três frentes: conhecimento das culturas, reconhecimento social da diversidade cultural e combate à exclusão social, fundamentados nos princípios da democracia e da igualdade social.

Para Lira e Chaves (2016) uma comunidade é um espaço em que as relações sociais e modos de vida característicos são firmados, juntamente com as formas de administrar os recursos locais, evidenciando o importante papel da cultura. Nesse contexto, no Amazonas há comunidades que se caracterizam por uma diversidade de grupos étnicos e populações tradicionais, que foram construídas historicamente, mediante a processos de colonização e miscigenação.

O cidadão amazônico é fruto dos diferentes povos e etnias e seu intercâmbio histórico, possibilitando as manifestações socioculturais diversificadas expressas pelo homem amazônico em seu dia a dia, nas relações de trabalho, educação, religião, hábitos, histórias, familiares etc. Dessa maneira, o Decreto nº 6.040, na Constituição Federal, 07 de fevereiro de 2007, identificou a existência de comunidades tradicionais, os quais estão inclusos os ribeirinhos, instituindo uma política nacional voltada para as necessidades específicas desses povos, presente na Política Nacional de Desenvolvimento dos Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2007).

O conjunto cultural amazônico compreende um complexo tradicional de valores, crenças, atitudes e estilo de vida que traçam sua organização social. O uso dos recursos extraídos da floresta amazônica, dos rios, da várzea e do solo, compõe a economia e a forma de subsistência da região. Diante disso, forma-se o homem e a sociedade amazônica (MENDONÇA et al., 2007).

Os ribeirinhos fazem parte das ditas comunidades tradicionais, que não possui uma definição universal. À luz de Colchester e Castro (2000) *apud* Mendonça et al (2007) os ribeirinhos são autodenominados de populações rurais em se tratando de exigência de seus direitos a territórios e políticas públicas no contexto de atendimento às suas singularidades e respeito de seus conhecimentos, cultura e práticas. Ainda nessa direção, Chaves (2001) afirma que os ribeirinhos são uma referência de população tradicional na Amazônia, pela sua forma de comunicação, utilização dos recursos naturais, representação local e convívio com a natureza. Desde a relação com os rios, classificação da fauna e flora, formando assim um grande patrimônio

cultural.

De acordo com Morim (2014) pelo fato de os ribeirinhos morarem em um ambiente onde a força da natureza predomina, foi necessário aprender a viver em um local carregado de limitações e desafios determinados pelo rio e floresta, obrigando-os a adaptar-se para sua subsistência. O rio é fundamental na vida dessas comunidades. É por meio desse recurso hídrico que se estabelecem ligações entre as localidades, através dos barcos e jangadas, como sendo os únicos meios de transporte. Dessa forma, com base na observação *in locu* e entrevista semiestruturada a oito adultos da referida comunidade ribeirinha tem-se a sistematização da leitura dos dados a qual será descrita a seguir.

No momento em que começou a ser realizada a viagem para a comunidade ribeirinha Rosa de Saron já foi percebido a ligação entre os ribeirinhos e o rio pela observação das comunidades presentes ao longo do caminho e os ribeirinhos observados durante o mesmo. A viagem teve o início no Município de Manacapuru, que fica 99,8 km de distância da capital do Amazonas, Manaus. Em Manacapuru havia um dos moradores da comunidade Rosa de Saron aguardando com uma rabeta (canoa com motor). Esse morador relatou que aprendeu a pilotar a rabeta na infância com seu pai e sabia o caminho até a comunidade sem precisar de nenhum esforço.

Do município de Manacapuru até a comunidade em questão há uma distância de 6 horas de viagem pois o caminho era contra a correnteza do rio, passando pelos rios Solimões e Manacapuru. No trajeto observou-se que todas as casas que ficam nas margens dos rios estavam voltadas para ele, haviam comércios flutuantes, palafitas, casas flutuantes, pessoas pescando, pessoas indo e voltando dos municípios maiores da região, indo de uma comunidade a outra, pessoas transportando coisas, transportando madeira, etc.

Nas grandes embarcações, pequenos barcos, voadeiras (pequenas lanchas) e rabetas observados haviam crianças, jovens, adultos e idosos. Durante o trajeto foi percebida a imensidão dos rios do Amazonas e sua beleza indescritível. Havia grandes florestas as margens dos rios, muitos pássaros e botos saltando das águas.

Para os ribeirinhos o rio é o meio de locomoção e os barcos e canoas o seu meio de transporte. Além dessa relação, o rio proporciona a pesca que possui grande representatividade, principalmente, porque o peixe é a principal fonte de proteína das famílias ribeirinhas (NODA, 2001). Na comunidade em questão, durante os dias observados havia peixe em praticamente todos os almoços e jantares. Os peixes eram preparados de diversas maneiras e acompanhados sempre de farinha de mandioca produzida por moradores de Rosa.

Noda (2001) ressalta que a prática da pesca é intensa nas comunidades ribeirinhas, sendo executada nos lagos, igapós, igarapés e rios, utiliza-se geralmente como transporte a canoa a remo ou a rabeta, usado para consumo próprio e da família na maioria das vezes. Geralmente realizada por adultos e jovens do sexo masculino e pelas crianças, como uma maneira de liberação dos outros membros da família para

as demais atividades como o cultivo e também como um processo educativo sobre o manejo do ambiente aquático.

O relacionamento entre o ribeirão e o rio é um relacionamento de troca sendo os dois são partes de um todo. O rio os oferece alimento, fertiliza suas margens no baixar e subir das águas ajudando no cultivo de alimentos, em troca o ribeirão protege os rios como comenta Lira e Chaves (2016).

Em relação ao ato de brincar, identifica-se que a criança e o brinquedo estão inter-relacionados pois, a sociedade, de forma geral, reconhece o brincar como parte integrante do mundo infantil. Entretanto, o contexto em que a criança está inserida irá interferir no modo de proceder as brincadeiras, pois cada meio social apresenta seus próprios aspectos culturais. O comportamento do brincar pode ser influenciado pelo ambiente onde a criança se encontra. Por essa razão pesquisas apontam que situações de brincadeiras, contexto específico e desenvolvimento infantil estão entrelaçados (REIS, 2007; PONTES; MAGALHÃES, 2003).

Considerando as particularidades e o modo de vida dos moradores da comunidade ribeirinha Rosa de Saron, observou-se o brincar como parte integrante do dia-a-dia das crianças. Principalmente por não haver eletricidade no período matutino e vespertino, as crianças permaneciam a maior parte do tempo fora de casa, trocando a televisão pelo brincar ao ar livre. Há uma forte influência da cultura ribeirinha nas brincadeiras (REIS *et al.*, 2012).

Ao entrar em contato com as crianças ribeirinhas percebeu-se a aproximação por meio de diálogos, indagações, carinho e principalmente os convites para brincar com elas. Criatividade não faltava, havia um leque de opções de brincadeiras. Raramente brincavam sozinhas, estavam sempre em pares ou em grupos. De acordo com Vygotsky (1984), a ludicidade ocorre na interação entre uma criança e outra, produzindo conhecimento cultural, linguístico e social. Essa interação se desenvolve a partir das relações sociais e a brincadeira é o pretexto para essa aproximação.

Por meio dessas interações, algumas brincadeiras foram observadas, como: manja pega, esconde-esconde, manja ajuda, corrida, pique-pega, cavalinho, boneca, bola, entre outras. Nos finais da tarde, o campo de futebol é bem frequentado, por crianças e adultos, com faixas etárias variáveis interagindo juntos. Reis (2007) assevera que a universalidade do brincar e a sua relevância para o desenvolvimento não basta. É preciso estudar o contexto onde a brincadeira ocorre, pois são de extrema importância para entender os fatores universais e as particularidades culturais do brincar.

Ao analisar o contexto da comunidade ribeirinha pensou-se que o rio seria um local de intensas atividades lúdicas, entretanto observou-se que os pais não deixam as crianças brincarem no rio sem a companhia de um adulto, por ser perigoso. Portanto, o índice maior de brincadeiras ocorre em terra seca.

Algumas brincadeiras representam o cotidiano dos adultos ribeirinhos, como: fazer comidinha, usar as folhas de árvores como dinheiro, outras fingiam que eram produtos a serem vendidos, até comiam de verdade as folhas. Aproveitavam o bote (barco de

madeira), que estava fora do rio para “consertar” e faziam disso uma brincadeira, conforme mostra a Figura 1. Algumas ficavam dentro, outras fingiam que eram jacarés e que queriam morder quem saísse do bote, tinha até uma rabeta improvisada (motor de barco de polpa), feita de madeira e na ponta um recipiente redondo de plástico. As narrações contadas pelas crianças do que estava acontecendo tornava a brincadeira mais real e divertida. Para Carvalho (1994) a brincadeira é uma atividade social e cultural que pressupõe um aprendizado.



Figura 1- Crianças brincando no barco de madeira

Identifica-se que os espaços, para as brincadeiras, são oportunidades para a aprendizagem, inclusive para o desenvolvimento psicomotor e cognitivo o qual facilitará no ato do aprender. Portanto, as brincadeiras são consideradas como elo integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, por isso, desenvolve-se a facilidade para à aprendizagem, contribuindo para uma vida saudável, física e mental. (MALAQUIAS; RIBEIRO, 2013).

Outro fator importante na observação participante é questão da saúde local. Pois devido a uma certa distância e dificuldade em ter transporte rápido que ligue a comunidade Rosa de Saron a uma cidade, é muito comum que os moradores desta comunidade tradicional façam uso de plantas medicinais, cultivadas pelas próprias famílias, para o cuidado da saúde, uma vez que a distância dificulta o acesso médico hospitalar. A etnobotânica, é a ciência que estuda as informações comuns que o homem tem sobre o uso de plantas, com o objetivo de traçar o perfil da comunidade, uma vez que existem peculiaridades entre elas e assim, tornar possível a extração de informações que possam contribuir para o uso de plantas medicinais (MARTINS et al., 2005).

Em uma conversa informal, com uma moradora da comunidade observada, ela afirma que “quando é uma gripe ou dor de garganta, fazemos o remédio caseiro que dá” confessando que só vão até a cidade de Caapiranga em situações mais extremas, e quando se faz necessário um atendimento mais especializado, eles precisam ir até

Manacapuru.

Corroborando com o que dizem Vasquez; Mendonça; Noda (2014), que estudos realizados com comunidades ribeirinhas, revelaram o uso de plantas medicinais como um importante recurso na manutenção da saúde da comunidade em geral, sendo uma alternativa de socorro para intervenção nos casos de doenças mais comuns da localidade.

É importante perceber que o conhecimento dos mais velhos é passado aos mais novos e o conhecimento popular acerca das plantas medicinais se perpetua. Essa relação de ensino e aprendizagem é algo que acontece no cotidiano da comunidade Rosa de Saron em espaços de educação informal, ou seja, na mata amazônica inserida na referida comunidade.

Rodrigues e Carvalho (2001), afirmam que os moradores desta região, são possuidores de um amplo conhecimento sobre plantas e seu ambiente, e que estes conhecimentos são passados de geração para geração de forma oral, de maneira que estes saberes sejam aplicados de acordo com a necessidade, podendo até mesmo a garantir sua sobrevivência.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, neste trabalho, que as comunidades ribeirinhas são representatividades da diversidade étnica no território brasileiro. E que as vivências, a relação dos moradores com os recursos da natureza, os usufrutos desses recursos são entendidos como oportunidades de aprendizagens e de desenvolvimento para a mesma.

Percebe-se também que as crianças da comunidade tradicional Rosa de Saron, comumente, não são representadas na mídia, nos materiais didáticos ou outra forma de divulgação de conhecimento, tanto no âmbito escolar quanto em outros espaços. Pelo contrário são comunidades invisibilizadas pelos veículos de comunicação. E nessa direção está a desvalorização dos costumes locais, e a divulgação de uma imagem desviada, estereotipada e preconceituosa das pessoas que habitam essas comunidades tradicionais.

É importante conhecer as peculiaridades das comunidades ribeirinhas ou tradicionais para que seja construída, socialmente, uma imagem mais próxima da realidade. E mais que isso, é importante que o professor na sala de aula não reproduza os estereótipos ou perpetue a invisibilidade dessas comunidades que retratam a diversidade étnica que compõe a formação do povo e território brasileiros.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007**.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural. Brasília: MEC, 1997.
- CARVALHO, A. M. A. **O que é “Social” para a Psicologia?** *Temas em Psicologia*, 3, 01-17, 1994.
- CARVALHO, J. C. P. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. **Interface**. São Paulo, 1997.
- CHAVES, M. P. S. R. **Uma Experiência de Pesquisa-ação para Gestão Comunitária de Tecnologias Apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá**. Tese de Doutorado, UNICAMP/CIRED, Campinas, 2001.
- COLARES, A. A.; COLARES, M. L. I. S. **Diversidade cultural: desafios educacionais no contexto amazônico**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0068.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2017.
- EVERALDO, P. G. R. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: ed. Brasiliense, p. 1-39, 1988.
- GIANNOTTI, R. H. O renascimento da diversidade no contexto da globalização. **Galáxia**. São Paulo, n. 33, p. 245-249, set./dez. 2016.
- GUSMÃO, N. M. M. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, Neusa Maria M. (Org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003.
- LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações** (Campo Grande) [online]. vol.17, n.1, p.66-76, 2016.
- LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia**: organização sociocultural e política. **Interações** (Campo Grande) [online]. vol.17, n.1, p.66-76, 2016.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, E.P.U., 1986.
- MALAQUIAS, M.S; RIBEIRO, S.S. **A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem no desenvolvimento da infância**. 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>>. Acesso em: 12 de Jun. 2017.
- MARTINS, A. G.; ROSÁRIO, D. L.; BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará. **Rev. Bras. de Farmacognosia**, 86: 31-30, 2005.
- MENDONÇA, M. S.; FRANÇA, J. F.; OLIVEIRA, A. B.; PRATA, R. R.; AÑEZ, R. B. S. Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S. P.; WITKOSKI, A. C. (Org.). **Etnobotânica e o saber tradicional**. Manaus: EDUA, 2007.
- MENESES, P. Etnocentrismo e relativismo cultural algumas reflexões. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 27, n. 88, 2000.
- MORIM, J. **Ribeirinhos**. Fundação Joaquim Nabuco, Biblioteca Bianche Knopf/Consultora Fundaj / Unesco. Recife, 2014.

NODA, S. N.; NODA, H.; MARTINS, L. L. U. Utilização e apropriação das terras por agricultura familiar amazonense de várzea. In: ANTÔNIO, C. D.; ANDRÉ, C. C. M. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.

NODA, S. N.; NODA, H.; MARTINS, L. L. U. Utilização e apropriação das terras por agricultura familiar amazonense de várzea. In: ANTÔNIO, C. D.; ANDRÉ, C. C. M. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.

PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(1), p. 117-124, 2003.

REIS, D. C. **Cultura da brincadeira em uma comunidade ribeirinha na ilha do Marajó**. Dissertação de Mestrado, Belém: Pará, Outubro 2007.

REIS, D. C.; MONTEIRO, E. F.; PONTES, F. A. R.; SILVA, S. S. C. Brincadeiras em uma comunidade ribeirinha amazônica. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 48-61, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-013-1

